

## NARRATIVAS HÍBRIDAS EM PARALELO: UM DIÁLOGO ENTRE AS OBRAS DE VALÊNCIO XAVIER E JONATHAN SAFRAN FOER

*Fernanda Borges\**

**Resumo:**

O presente texto tem como objetivo refletir sobre a narrativa visual de Valêncio Xavier no livro *Minha mãe morrendo e o menino mentido*, de 2001. Artigos de jornal, desenhos, fotografias, mapas, além de uma disposição textual peculiar, constituem essa narração que ultrapassa a concepção tradicional do que entendemos como romance. Em forma de álbum de recordações, no qual o narrador-personagem relembra sua infância e suas inquietações constantes, o texto de Valêncio Xavier instaura-se nos limiões da criação artística, expondo o trânsito e o imbricamento de discursos no contato entre palavra e imagem. Ainda, é possível estabelecer um paralelo entre a obra do autor brasileiro com a do norte-americano Jonathan Safran Foer, principalmente no conto “If the aging magician should begin to believe” (2001) e no romance *Extremely loud & incredibly close* (2005), no que diz respeito a uma escritura para além das palavras e que se utiliza de imagens para retratar as distâncias e as proximidades entre ser criança e ser velho.

**Palavras-chave:** literatura brasileira contemporânea, literatura norte-americana contemporânea, Valêncio Xavier, Jonathan Safran Foer.

Ao escolhermos um livro de contos ou um romance para ler, esperamos abri-lo e encontrar uma série de palavras que formam frases que, por sua vez, formam parágrafos, os quais constituem uma unidade textual. Acostumamo-nos com esse modelo, tanto que, geralmente quando pensamos em ‘literatura’ ou em ‘livro’, é essa a imagem que nos vem à mente. A tradição do texto escrito fundou essa concepção, o que nos possibilita, de algum modo, sermos ainda surpreendidos ao abrirmos um livro e encontrarmos algo diferente de nossa expectativa mais comum. Mesmo quando já esperamos ser surpreendidos, por já estarmos parcialmente cientes do que iremos encontrar, a presença de imagens (fotografias, desenhos, mapas, textos e anúncios de jornal) como parte da composição de um texto literário deleitam nossos olhos por constituírem algo de inusitado no texto. Podemos saber previamente que um romance, por exemplo, também é constituído de imagens com finalidades descritivas ou narrativas, mas não temos como saber antecipadamente como elas estão dispostas ou o que retratam. Mais que a curiosidade acerca do enredo ou do estilo, as narrativas visuais devolvem-nos uma curiosidade infantil, de querer descobrir o que há sob o embrulho do presente.

---

\* Doutoranda em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). E-mail: fernanda\_etc@hotmail.com

A primeira vez que abri um livro de Valêncio Xavier foi isto o que senti: a alegria da surpresa. E é essa a sensação que tenho cada vez que descubro uma nova narrativa do escritor brasileiro. Nascido em São Paulo, mas radicado durante grande parte de sua vida em Curitiba, Valêncio Xavier faleceu em 2008 deixando-nos muitas obras a serem lidas e redescobertas, pois muitos de seus textos foram publicados em pequenas editoras e muitas vezes financiados pelo próprio autor. Em 1998 a editora Companhia das Letras publicou uma reunião de textos do escritor sob o título *O mez da gripe e outros livros*<sup>1</sup>, os quais haviam sido publicados separadamente e, em 2001, *Minha mãe morrendo e o menino mentido*, edição composta pelos livros *Minha mãe morrendo*, *Menino Mentido – topologia da cidade por ele habitada* e *Menino mentido*. Os três textos dessa publicação podem ser lidos separadamente (cada um deles como uma novela, por exemplo) ou podem ser lidos como capítulos de um romance uma vez que têm o mesmo narrador: um homem que relembra momentos de sua infância. O menino mentido pela passagem do tempo, pelas armadilhas da memória e pela sedução da narração surpreende-nos com sua sintaxe verbal e visual ao retratar suas inquietações, suas alegrias e tristezas a partir de vários meios e artefatos presentes em sua infância, como imagens de propagandas e de atrizes famosas da época, fotografias, desenhos.



**Figura 1: Desenho do narrador em *Menino mentido – topologia da cidade por ele habitada*.**

A característica de narrativa visual, com uma disposição textual que ultrapassa a concepção tradicional do que entendemos como romance ou conto, também está presente nos livros do escritor estadunidense Jonathan Safran Foer<sup>2</sup>. Com pouco mais de

---

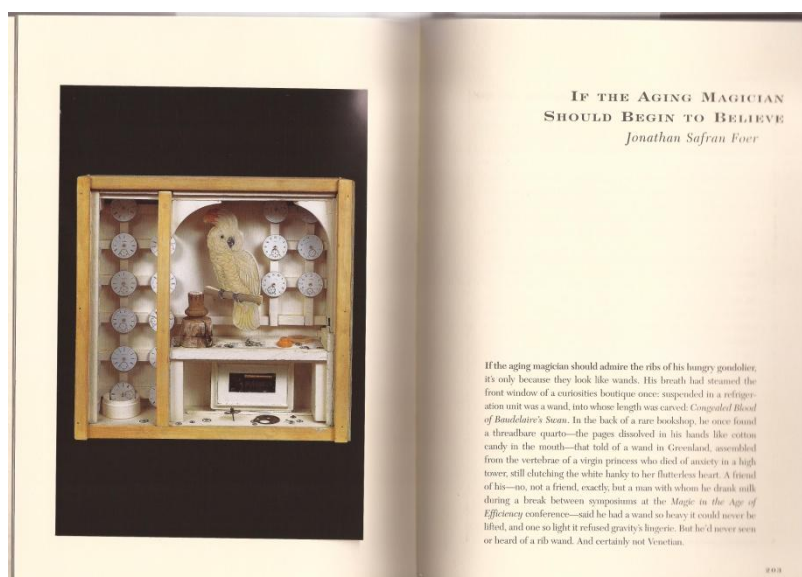
<sup>1</sup> Essa publicação recebeu em 1999 o Prêmio Jabuti de Melhor Produção Editorial.

<sup>2</sup> Jonathan Safran Foer tem três romances publicados *Everything is illuminated* (2002), *Extremely loud & incredibly close* (2005) e *Tree of codes* (2010), além de uma coletânea de textos organizada por ele, *A convergence of birds* (2001) e uma obra não ficcional *Eating Animals* (2009). A obra ficcional de Foer é objeto de estudo de minha tese de doutorado.

trinta anos, o escritor destaca-se principalmente pelas inovações estruturais e tipográficas que realiza em suas narrativas e pela incorporação de outras artes a suas obras, predominantemente as visuais, como a fotografia e o cinema, tornando o livro um objeto de arte.

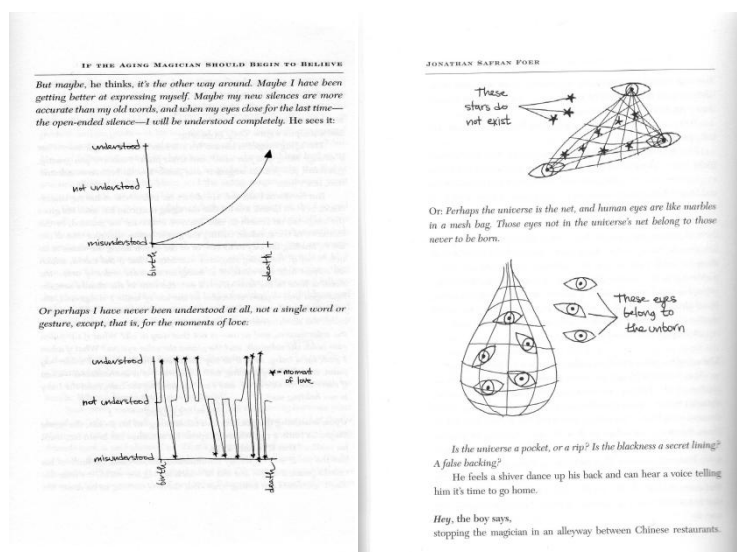
A aproximação estrutural entre as obras de Valêncio Xavier e Jonathan Safran Foer – autores não só de nacionalidades diferentes, mas de épocas e contextos diversos (o reconhecimento da literatura de Valêncio Xavier, por exemplo, deu-se no mesmo período em que Foer publicava seus primeiros textos) – caracteriza-se pela subversão do livro como suporte por meio da utilização de diversos tipos de imagens (desenhos, fotografias, artigos de jornal, *flip books*), elementos que compõem, assim, narrativas híbridas, as quais ultrapassam a concepção tradicional do que entendemos como romance. As obras selecionadas para análise também apresentam semelhanças temáticas visto que todas as narrativas objetivam uma “iluminação da memória”, uma reflexão sobre lembranças marcantes, o que corre tanto por meio de um álbum de fotografias, quanto por meio do relato de recordações.

A *Convergence of Birds*, de 2001, é uma obra organizada por Foer que apresenta contos e poemas de diversos novos autores norte-americanos, e inclusive um conto seu: “If the Aging Magician Should Begin to Believe”. Todos os textos foram inspirados nas colagens de Joseph Cornell, artista estadunidense cuja obra é homenageada através da literatura. Cada conto ou poema é baseado livremente em obras diversas, mas todas com uma mesma característica: a presença de um pássaro. Foer, na introdução ao livro, explica a indicação dada aos escritores, “a story or poem that uses Joseph Cornell’s bird boxes as the source of imaginative inspiration... (but) which need not make any explicit reference to either Cornell or the art itself...” (Foer, 2007, p. XIII) Assim, a obra de Cornell é inspiradora e norteadora do processo de criação dos autores, cujos textos são acompanhados da colagem que os “originou”.



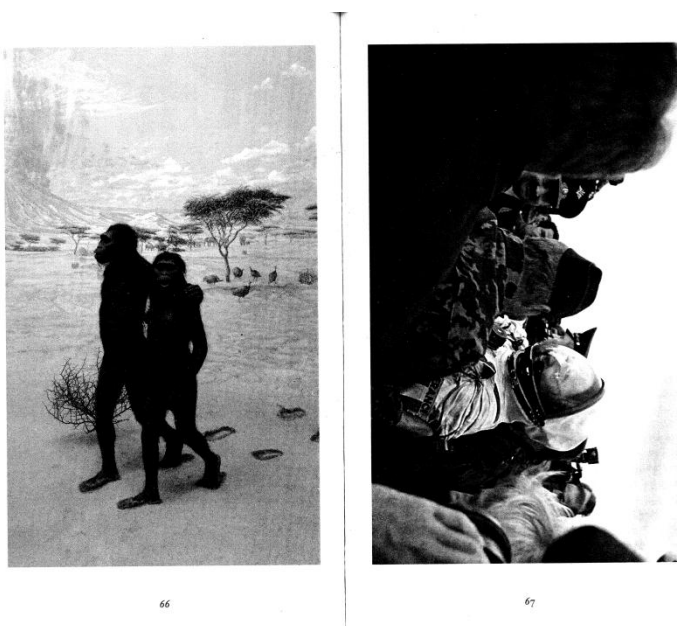
**Figura 2: Obra de Joseph Cornell que inspirou o conto de Foer.**

É no conto “If the Aging Magician Should Begin to Believe” que se observam as primeiras inovações de Foer acerca da disposição da narrativa, que passa a se constituir como visual, refletindo os pensamentos e sentimentos de um velho mágico, o qual não é mais valorizado ao exercer seu ofício. O narrador dispõe de gráficos para esclarecer a subjetividade do mágico, bem como de desenhos aparentemente manuais para externar as relações estelares imaginadas pelo protagonista. A narrativa passa a ser ilustrada, como a de livros infantis, que se utilizam de figuras e ilustrações para tornar a leitura imagética. Contudo, não há aqui o intuito de simplesmente facilitar a compreensão do enredo ou somente torná-lo mais atrativo através das imagens. Os elementos visuais presentes no conto são um modo de expressar a melancolia, a solidão e as reflexões da personagem sobre suas últimas observações da vida, ou seja, constituem-se como escrita, como uma das muitas maneiras de escrever. São os exemplos para pensamentos imprecisos e confusos e demonstram a necessidade de compreensão que a personagem apresenta. As imagens - a obra de Cornell e as ilustrações no decorrer do texto - pois, acrescentam à obra de Foer uma natureza híbrida, que une literatura e artes visuais para contemplar a subjetividade da personagem.



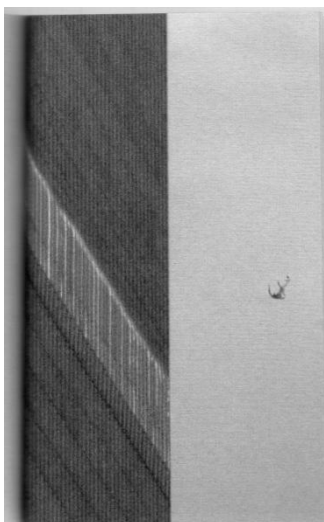
**Figura 3: Desenhos que ilustram a subjetividade da personagem de “If the magician should begin to believe”.**

Em *Extremely loud & incredibly close*, Jonathan Safran Foer ultrapassa o formato tradicional do livro a partir da utilização de diversos recursos visuais para expressar a subjetividade e a observação aguçada do menino Oskar Schell. Como narrador, o sensível garoto de nove anos que perdeu o pai nos incidentes de 11 de setembro descreve a sua busca por informações sobre uma chave encontrada entre os pertences de seu pai. Assim, a procura pelo objeto a que a chave pertence constitui-se como o processo psicológico de Oskar na superação de um trauma. As histórias de Oskar são narradas também através de imagens, de fotografias e a partir de uma disposição textual peculiar. Ao longo da obra, diversas imagens colecionadas pelo garoto ou fotografadas por ele ilustram o seu modo de pensar e de agir. O leitor é aproximado visualmente do universo do narrador, tendo um retrato das pessoas e dos lugares visitados por ele durante sua busca pelo significado da chave. Tais imagens, em uma espécie de álbum organizado por ele, intitulado *Stuff that happened to me*, representam, ao mesmo tempo que um apanhado de “recordações”, um conforto para momentos difíceis e uma distração para momentos de tédio ou de inquietação.



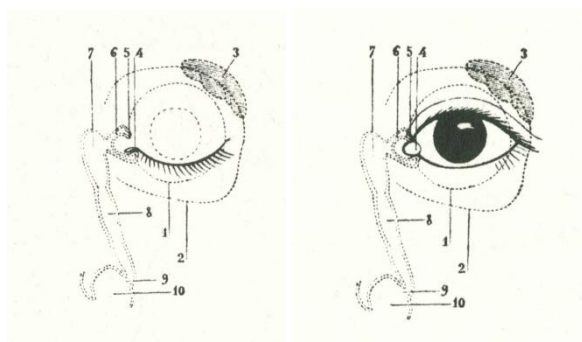
**Figura 4:** Fragmento de *Stuff That Happened to Me*.

E o ápice desta justaposição de gêneros diferentes – cartas, fotografias, figuras, textos de revista – está no desfecho da obra, na aceitação de Oskar da perda de seu pai e na iluminação da memória. O cinema é popularmente reconhecido como a arte que reúne todas as demais, unindo-as em um contexto comum. Através da utilização de um “cinema de bolso”, como também são conhecidos os *flip books*, a partir da organização e justaposição de imagens em movimento, Oskar encerra a narração de sua trajetória em busca do segredo da chave e ilustra um princípio de compreensão para a perda do pai. Alterando a lei da gravidade, da ordem dos acontecimentos, o menino monta o seu pequeno filme, em que o corpo que cai do topo de uma das torres do World Trade Center faz o movimento inverso, emergindo do solo ao céu em segurança. A pequena história contada através de imagens ao término do livro, além de representar uma tentativa de superação da dor, realiza uma fusão de alguns meios em que as histórias se fazem presentes e podem ser narradas, ampliando a concepção tradicional de que dispúnhamos do livro como objeto e mídia. Foer, em *Extremely loud & incredibly close*, torna o livro um objeto de arte, que pode reunir a fotografia e o cinema em seu interior.



**Figura 5: Fragmento do *flip book* feito por Oskar.**

A narrativa de *Minha mãe morrendo*, de Valêncio Xavier, inicia com um piscar de olhos: um olho fechado, depois esse mesmo olho aberto. Em *Menino mentido*, todas as páginas pares têm o desenho de um olho: primeiro fechado, depois aberto e assim sucessivamente. Aqui também há utilização da técnica do *flip book* pois, se folhearmos o último texto do livro, teremos um piscar de olhos a cada vez que manusearmos as páginas. Desse modo, só podemos piscar depois de lermos cada página das “Rememorações”<sup>3</sup> do narrador. Podemos encontrar ainda outros elementos que aproximam as obras dos dois autores.



**Figura 6: Imagens de *Menino mentido*.**

O velho mágico de “If the Aging Magician Should Begin to Believe” relembra com nostalgia sua juventude, quando suas mãos eram hábeis o suficiente para realizar truques que surpreendiam e agradavam a plateia. Já idoso, suas mãos não tem mais a

---

<sup>3</sup> Referência a termo utilizado por Valêncio Xavier no livro *Rremembranças da menina de rua morta nua e outros livros*.

destreza de antigamente, e suas mágicas são motivo de riso por serem incompletas, fajutas. Suas mãos agora unicamente desenham traços trêmulos e imprecisos, quase infantis, desenvolvendo uma linguagem que as palavras parecem não mais dar conta. Desenha porque não consegue articular-se tão bem com as palavras, desenha porque para ele o traço é mais claro e nítido que explicações verbalizadas, tal qual uma criança que rabisca para fazer-se entender. O narrador-personagem da obra de Valêncio Xavier relembra seu passado de menino pois, ao contrário dos versos de Camões, viu “que todo o bem passado/ Não é mágoa, mas é gosto” (Xavier, 2001, p. 95) Na mentira de sua menineza, desenhava fingindo escrever, pela vontade de traçar as letras, de rabiscar palavras. Linhas que se encontram na necessidade de expressão e se bifurcam entre a infância, a juventude e a maturidade do narrador.

Oskar Schell, personagem de *Extremely loud & incredibly close*, inventa (mente, sem consciência disso) para si próprio uma mirabolante história para aproximar-se do pai, para lembrar-se dele constantemente. O menino mentido de Valêncio Xavier, já nem mais tão menino, em *Minha mãe morrendo*, relembra momentos com sua mãe a partir de fotografias, que trazem à tona seu amor edípico, a dor de não se sentir amado por ela e de vê-la morrer. Dois meninos que compõem álbuns de recordações, de imagens importantes para eles, algumas reconfortantes, outras mortificantes.



**Figura 7: Foto de *Minha mãe morrendo*.**

Tanto Valêncio Xavier quanto Jonathan Safran Foer levam o subjétil, o livro enquanto suporte, ao extremo. Analisando a obra de Antonin Artaud, Jacques Derrida recupera da terminologia da pintura o conceito de subjétil, mencionado por Artaud em algumas de suas cartas. Originalmente designando um suporte, uma superfície utilizada



pelas artes plásticas, como a tela ou o gesso, e que dá materialidade à obra, o subjétil é reinventado e atualizado na abordagem realizada pelo teórico argelino na análise dos textos do poeta. Constituindo-se como parte da escrita, como texto, os desenhos de Artaud, por exemplo, “enlouquecem” o subjétil, pois o transgridem, agridem-no, fazem-no suportar o que nele não é usual. Derrida afirma que o poeta “nunca escreve *sobre* seus desenhos e pinturas, mas antes *diretamente neles*. O subjétil deve ser levado à loucura, sem obedecer às regras convencionais de sentido ou de referência, sem o intuito da comunicação, da linguagem utilitária. Enlouquecer o subjétil é ultrapassar e estraçalhar as fronteiras entre as artes e seus suportes, habitar o limiar, uma vez que, segundo Artaud, a pintura, e a arte de um modo geral, é grande ao emocionar o ouvido ao mesmo tempo que o olho, ou seja, ao unir todos os nossos sentidos na emoção estética. Desse modo, a pintura deve ser mais que pintar, e a literatura, mais que escrever simplesmente, pois a arte é plural em si.<sup>4</sup>

Desafiar os limites da tradição, apagar as fronteiras interartísticas, escrever no limiar da literatura, da arte visual: eis o que o subjétil permite que façamos levando-o à loucura. Os limiares da criação artística na obra de Valêncio Xavier e de Jonathan Safran Foer, o trânsito e o imbricamento de discursos constituem-se como os pilares do estudo aqui proposto, uma vez que a abordagem interdisciplinar enfatiza as zonas limiares que ultrapassam fronteiras instituídas.

Valêncio Xavier, brasileiro, e Jonathan Safran Foer, estadunidense, enlouquecem o subjétil com que lidam, cada um a seu modo e também de maneiras similares em alguns momentos. Suas obras, aqui embrionariamente relacionadas, ilustram uma perspectiva que vem sendo redescoberta nos estudos literários, culturais e artísticos: o hibridismo dos textos no contato entre palavra e imagem. Esse diálogo, por mais inovador que pareça ser, não é uma novidade no campo das artes de um modo geral e nem mesmo no campo da literatura visto que, ante uma perspectiva histórica, a fusão entre as linguagens visual e verbal faz parte dos limiares do conhecimento e da arte, uma vez que nos remete aos hieróglifos egípcios, às cerâmicas gregas, aos ideogramas chineses, às iluminuras nos manuscritos, à arte renascentista, à obra de William Blake, à poesia visual simbolista, aos movimentos de vanguarda e,

---

<sup>4</sup> A discussão proposta por Derrida é complementada pelo texto de Roland Barthes “Artaud: escrita/figura”.

contemporaneamente, às obras de Valêncio Xavier e Jonathan Safran Foer, por exemplo.

Portanto, para finalizar este texto que poderia abordar mais uma infinidade de questões, cabe ressaltar que o álbum de fotografias e recordações de *Minha mãe morrendo* termina com uma fotografia de uma placa escorada em um poste de uma rua contendo a frase “Senhor, liberta-me das imagens”. O narrador, refletindo sobre o fato de que não sabe o que sentiu na infância quando viu sua mãe nua certa vez, contrapõe tal imagem à da mãe morta em uma mesa de cirurgia. Duas imagens que não lhe saem da cabeça e que se constituíram, assim, como parte da história sobre o menino “que não deu certo – ovo que gorou.” (Xavier, 2001, p. 219) Contudo, as narrativas aqui analisadas não “goraram” e nem desejamos livrarmo-nos delas e de suas imagens.



Figura 8: Fotografia final de *Minha mãe morrendo*.

### Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland (2004). Artaud: escrita/figura. In: *Inéditos, vol.2: Crítica*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.
- COLONETTI, Milton (2007). *A intersemiose paragramática do método compositivo de Valêncio Xavier ou até cubanos*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 50 f.
- DERRIDA, Jacques (1998). *Enlouquecer o subjétil*. Tradução Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: UNESP.
- FOER, Jonathan Safran (2006). *Extremely loud & incredibly close*. London: Penguin Books.
- \_\_\_\_\_. (2007). If the aging magician should begin to believe. In: FOER, Jonathan Safran (Org.). *A convergence of byrds*. London: Penguin Books.
- XAVIER, Valêncio (2001). *Minha mãe morrendo e o menino mentido*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1998). *O mez da gripe e outros livros*. São Paulo: Companhia das Letras.